

NASCIMENTO

Nasci no dia 10 de agosto de 1930. Minha mãe tinha 18 anos, posto que ela nascera em 1912. Família de classe média, nem alta, nem baixa, classe media média.

EDUCAÇÃO

Educação no colégio marista de fortaleza (Ceará) durante 10 anos. Quando cursava segundo ano científico, no jornalzinho do colégio, escrevi artigo “a educação marista”. O diretor do colégio não aprovou nenhuma das teses que eu suscitara. Chamou os pais, e disse que era para eu procurar outro colégio. Este episódio é anunciador de alguma coisa, não sei. Fiquei abalado. Voltarei a ele.

Fui para o colégio arquidiocesano cursar o terceiro ano do curso científico. Enquanto cursava o científico pude realizar curso completo na Alliance Française.



Na faculdade de filosofia de fortaleza [Ceará] curso de bacharel em letras clássicas. Ganhava a vida dando aula de francês. E eram tantos os colégios em que dava aula de francês, que consegui fazer uma poupança. Aliança Francesa me concedeu uma bolsa de estudos em Paris. Consegui renová-la, e já era o segundo ano que passara em Paris. Em seguida veio a CAPES, e pude permanecer em Paris. Inscrito na universidade de Paris, já havia conseguido dois certificados da licenciatura de psicologia. Era minha segunda graduação, já que a primeira eu obtivera em Fortaleza. Com a licenciatura em psicologia, pude me inscrever no doutorado de psicologia social na Universidade de Paris. Voltei para o Brasil em 1961.

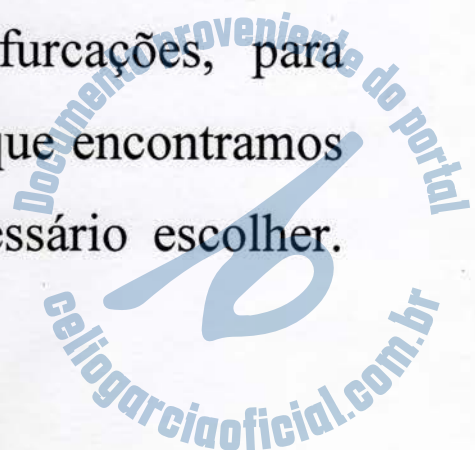
PESSOAS QUE TIVERAM UM PAPEL IMPORTANTE

Pierre Weil, psicólogo francês residente em Belo Horizonte naquela época, e que chefiava no Banco da Lavoura um serviço de psicologia que ele mesmo havia criado, me advertiu que em Belo Horizonte, eu

teria oportunidade de entrar para a Universidade Brasileira, já que se montava o curso de psicologia naquela ocasião. Lá na UFMG, permaneci 33 anos. Inicialmente no departamento de psicologia e em seguida filosofia. Aposentado, em 2011, recebi o título de “professor emérito”.

Minha atenção se volta para a figura humana que encontrei em Pierre Weil, como representante de nossa prática profissional. Sua trajetória é conhecida por muitos de nós. Sabemos de sua busca pelos caminhos da perfeição. Não que ele mesmo seja perfeito, não se trata disso. Mas, a busca de unificação da experiência humana, unificação dentro da multiplicidade são certamente temas de nossa meditação.

Vamos falar em contradições, bifurcações, para dizer dos caminhos e descaminhos que encontramos pela frente; a cada vez faz-se necessário escolher.



“elaboração do acaso” como dizia alguém que conheci, um professor de matemática. “escolha forçada”, como dizem outros amigos. Também terá a psicologia conhecido seus caminhos e descaminhos. Bifurcações.

De início motivo para demonstrações em praça pública satisfazendo curiosidade de passantes, levada para laboratórios equipados com máquinas que registrassem os resultados, assim terão sido os primeiros passos de uma disciplina que viria a se estruturar em tão ampla medida tal como a conhecemos hoje em dia. Ao tornar-se autônoma com relação à filosofia, dificilmente ela resistiria à tentação de se credenciar como ciência.

Recorrendo à experimentação, alinhando-se à psicofísica, as noções como comportamento, ou ainda uma base evolutiva genética, a psicologia tem tentado encontrar assim uma unificação numa base física, ou se quiserem naturalista.

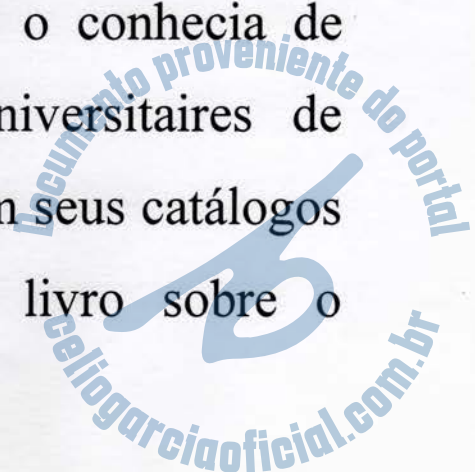
Em 1947 Daniel Lagache sucede a Paul Guillaume na cátedra de psicologia geral na Universidade de Paris; dois anos mais tarde em sua lição inaugural, “Unidade da Psicologia”, reunia ele, Lagache, a psicologia naturalista (que incluía a noção de conduta, aprendizagem, estatísticas e experiências) à orientação humanista (que reunia a psicologia clínica e a psicanálise). Essa era a Sorbonne, ou seja, a Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris, no pós guerra. Do outro lado, no colégio filosófico, Georges Canguilhem pronunciou uma conferência devastadora para as pretensões de Lagache. Concluía ele dizendo:

“ao sair da Sorbonne, a psicologia pode se encaminhar para a chefatura de polícia ou para o Panteão dos grandes homens”. A ironia era devastadora; G. Canguilhem homem de grande finura, com essa frase punha por terra as boas intenções do professor Lagache.

Era assim a psicologia em Paris. Não era possível falar em unidade, pois não se reconhecia a multiplicidade. Era a época da Guerra Fria entre a União Soviética e os Aliados Ocidentais. (Guerra da Coréia). Havia o bem e o mal. Havia uma luta ideológica por trás de tudo isso. Tanto assim que este artigo de Canguilhem foi retomado pelos alunos de Althusser, dez anos mais tarde, na Ecole Normale, como argumento hostil a toda forma de psicologia. Foi nesse clima de maniqueísmo que tive meus primeiros contatos com a psicologia.

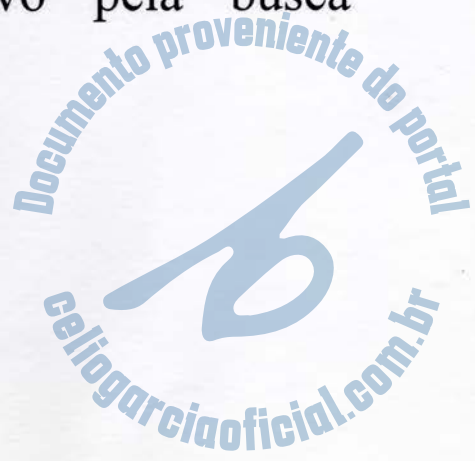
VOLTA AO BRASIL

Pierre veio para o Brasil. Permaneceu no Rio, transferindo-se depois para Belo Horizonte. Eu cheguei nos anos 60 já começados. Antes de voltar ao Brasil, de Paris enviei telegrama a Pierre Weil que não chegou a seu destino. Só o conhecia de nome, pois a editora Presses Universitaires de France (a célebre PUF) anunciava em seus catálogos e expunha em suas vitrines um livro sobre o



diagnóstico afetivo de autoria de Pierre Weil. O telegrama não chegou mas mesmo assim me tornei mineiro. No Banco da Lavoura e na Universidade Federal de Minas Gerais onde nos encontramos continuava a divisão ideológica, assim como a divisão da Psicologia.

Sob a mesma impressão que guardo da Sorbonne, não havia lugar para a multiplicidade, muito menos para a unidade. Acompanhei de perto como colega e colaborador, nem sempre me dando conta do que acontecia, a paciente e longa trajetória de Pierre Weil na sua busca de unidade, unidade que não desconhece a multiplicidade. Nem sempre entendi bem suas posições, por vezes, me afastei. Mas guardei um afeto pelo homem, pela figura humana; só posso entender que eu era secretamente movido por um reconhecimento definitivo pela busca incessante de que ele fazia prova.



Veio a Psicanálise; novo encontro com Pierre. Novamente a divisão marcava os campos onde nos encontrávamos. Nem unidade, nem multiplicidade.

SOBRE O AMOR

O amor-fusão assim como a concepção oblativa do amor impedem o acontecimento amoroso. Na verdade, é o amor (fusão, oblação) que nos acode na frustração; a ele apelamos diante da porta da solidão. "Abre porta!" O amor só é fracasso quando dele supomos que ele vai nos tirar da solidão. O amor é produção de verdade, nada mais.

Se não é fusão, não é oblação, chamaremos essa situação "disjunção". O amor corresponde ao que chamaremos o "dois", a cena do dois. Assim, o amor vem a ser um inquérito sobre a disjunção, sobre o dois. Pouco a pouco, ao longo do tempo, aprendemos. Vamos recusar, entretanto, que no amor, cada sexo possa aprender sobre o outro sexo.

O amor continua sendo um inquérito através do qual se aprende sobre o mundo do ponto de vista do dois.

No entanto, existe o encontro amoroso. "Meu amor", diz ela!

Numa sociedade onde o encontro amoroso se dá em condições empobrecidas (pela tradição, interferência familiar, recalque e/ou denegação dos aspectos aqui referidos) talvez não haja lugar para o amor. Mais tarde poderá sempre acontecer alguma coisa; eventualmente, um par amoroso vai se formar; desta vez, fora, longe do encontro primeiro... que não houve.

A isso chamamos infidelidade por força do rumo que toma a situação a qual acaba em prevaricação ou até mesmo separação. Para dizer a verdade foi a única ocasião em que o sujeito foi fiel ao acontecimento amoroso. Ele foi fiel na sua infidelidade. Se separação houver, não cabe ao sujeito

32
amoroso negar, denegar, ou renegar o acontecimento.

O Um alimenta a incompletude do sistema.

A PSICANÁLISE NA MINHA TRAJETÓRIA INTELLECTUAL

Enquanto estive na França me interessei pela psicanálise. Acompanhei os seminários do doutor Lacan a partir de 1953. O interesse pela psicanálise permaneceu até hoje. Sou membro honorário da EBP (Escola Brasileira de Psicanálise) e da AMP (Associação Mundial de Psicanálise). Servi-me da psicanálise como instrumento no trabalho de clínica no consultório, mas também em atividades práticas de psicanálise aplicada. Tanto assim que minhas contribuições no campo do atendimento ao jovem infrator se deixam marcar pela psicanálise, pensada politicamente. Depois que me aposentei, o trabalho com o jovem em conflito com a lei tem sido a minha principal ocupação de lá tirando material para

refletir e teorizar sobre este grave problema do Brasil atual.

Hesitei em fazer uma autobiografia e o seu estilo hagiográfico para atender o convite da equipe “memória e poder”, preferindo fazer uma proposta que chamei de mapografia de uma biblioteca (a minha no caso). Em todo caso vou continuar seguindo minha trajetória na faculdade de filosofia da UFMG.

NA FACULDADE DE FILOSOFIA

Atravessando a Psicologia...

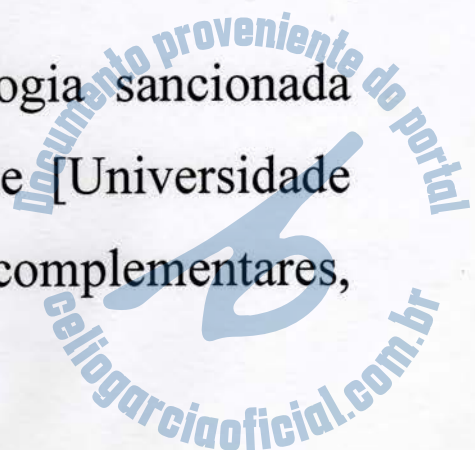
Poderia COMEÇAR agradecendo e dizendo que fui acolhido em Minas e que nasci em Fortaleza [Ceará]. E que sou oriundo do Nordeste. Hoje, com filhos nascidos em Minas, alunos e ex-alunos do COLTEC, sinto-me mineiro de coração e por adoção. Aposentado da UFMG, desde 1995, fui surpreendido pela indicação para receber título de Professor Emérito que tanto prezo.

Diferentemente da maioria dos meus colegas, eu não fui estudar na Europa na etapa pós-graduação, mas me graduei em PSICOLOGIA NA SORBONNE. Eram os anos 50, não muito distante do após-guerra europeu. Lá conheci a Psicologia Social e por lá me formei.

O SETOR DE PSICOLOGIA SOCIAL

No início da década de 60, eu já estava trabalhando na UFMG, e aqui meus pensamentos vão ao professor Morse Belém Teixeira. Fui encarregado de montar o curso de Psicologia Social pelo chefe do departamento de Psicologia recém-implantado na UFMG, professor Pedro Parafita de BESSA [este, emérito a muitos títulos e a quem eu rendo certamente, em nome da comunidade de psicólogos, homenagens].

Trazia uma licenciatura de psicologia sancionada por estudos realizados na Sorbonne [Universidade Francesa] e variada gama de cursos complementares,

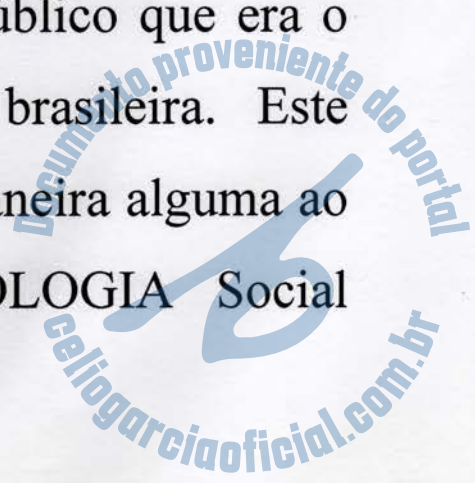


considerados importantes para a prática da Psicologia.

Fui encarregado, dizia, de MONTAR um programa de psicologia social. Logo graças ao esforço devido a uma dúzia de pessoas, resultou o que nós chamamos o SETOR DE PSICOLOGIA SOCIAL que reunia as atividades docentes e práticas da disciplina junto ao público. Logo tivemos que constatar a dura realidade brasileira.

O AVESSE DA PSICOLOGIA SOCIAL

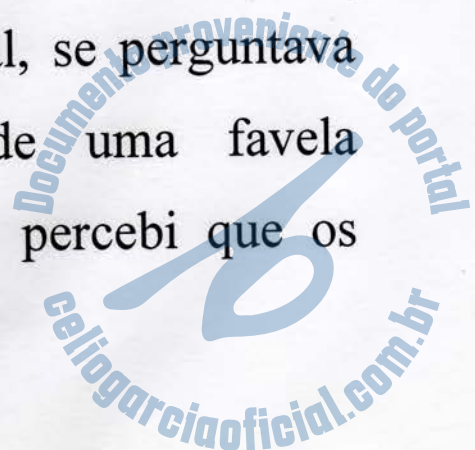
- O avesso faz referência ao que permanecia ocultado, pelo menos para mim. Ao que a Psicologia que eu percorro mais uma vez, ocultava. O avesso faz menção ao projeto que eu tentara realizar se nós queríamos alguma consonância, sintonia com o público que era o nosso, isto é, a população brasileira. Este público não correspondia de maneira alguma ao público previsto pela PSICOLOGIA Social



41
oficial. Fazia falta, simplesmente, introduzir a realidade.

- ANTOINE Compagnon falando de Literatura, assim se expressou [1999]: *reintroduzir a realidade em literatura é, uma vez mais, sair da lógica binária, violenta, disjuntiva, onde se fecham os literatos — , e voltar ao regime do mais ou menos, da ponderação, do aproximadamente.*
- *Dei o título de lógica não predicativa à maneira como meu público parecia operar, naquela ocasião.*

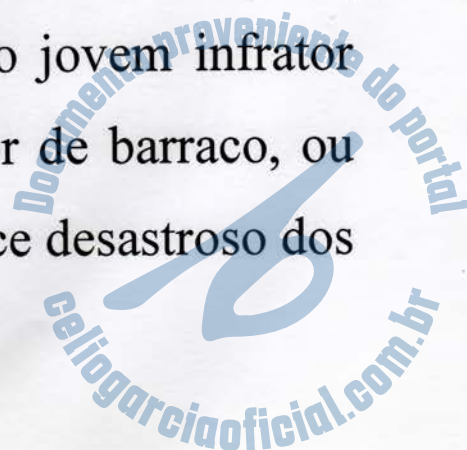
Onde encontrar uma lógica não predicativa em uso? No conto de Guimarães Rosa, “Meu tio Iuaretê ou O caçador que virou onça” [Mestre Gercino, com seu grupo de teatro, encenava o texto de Rosa, para os psicólogos trabalhando em unidades de Saúde Mental; ao final, se perguntava como pensariam os meninos de uma favela próxima... foi a primeira vez que percebi que os



42
meninos da periferia pensavam como meu tio Iuaretê, tinham seu modo de pensar...] ;

2. o perspectivismo ameríndio, quando situações do tipo “bicho é gente” foi contribuição importante para nossa elaboração (3). Aqui, cada modo de *identificação* autoriza configurações singulares (Lógica das Transformações), ao redistribuir os seres existentes em coletivos com fronteiras bem diferentes, se temos em mente as fronteiras conhecidas por nossas ciências. O emprego do verbo *virar [bicho vira gente]* nas frases dá uma ideia de que o princípio de Identidade (Lógica binária) foi abalado. Essa era a Lógica de que fazia uso, a minha população.

Ao mesmo tempo, encontrei demonstração de grande criatividade por parte deste público a quem dedico este trabalho. As figuras aqui trazidas 1) Estamira, 2) o catador de lixo, 3) o jovem infrator (grafiteiro-pichador), 4) o construtor de barraco, ou seja, aqueles que apontam o alcance desastroso dos



significantes identificatórios reforçados por uma lógica predicativa, assim como essas mesmas figuras fazem prova da criatividade que se instala, uma vez que esses significantes já não contam para nada. Chamei-os os Irregulares. Com isso, liberei-me da classificação perniciosa, ou da nomenclatura preconceituosa, que agravava ainda mais as questões a enfrentar da Psicologia SOCIAL. Por tudo isso, chamaria minha proposta de **Clínica da Carência**.

Convenci-me de que estava operando, estou operando no avesso da psicologia social.

Uma clínica destinada aos irregulares coloca em evidência a originalidade de uma outra lógica em ação, um contraponto à lógica binária.

De fato, aqui no BRASIL, uma vez mais os artistas se adiantavam – e mestre Guimarães Rosa já escrevera o conto. O caçador que virou onça ou MEU TIO IUARETÊ – antes mesmo que o caso fosse considerado nesse lindo título e livro “A Inconstância da Alma Selvagem” e o termo fosse cunhado por Viveiros de Castro – O perspectivismo

44

ameríndio ao qual Lévi-Strauss se referiu de maneira elogiosa.

- Na sequência, Philippe Descola, na França, “para além da partição Cultura / Natureza”. Formalizava, estabelecia o que queria dizer minha maneira de falar o avesso da Psicologia Social, AVESSO a ser revelado quando se rompe a partição CULTURA / NATUREZA, que parecia tão definitiva graças e pour cause na época, o auge do Estruturalismo.



Figura n.1

India Guajá, Estado do Tocantins. Foto: Pisco Del Gaiso, publicada na Folha de S. Paulo, em 16 de dezembro de 1992.

45
A foto recebeu o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha. Recentemente a rede globo, programa fantástico, dia 9/1/2011 exibiu cena semelhante.

Índias da tribo Awá-Guajá amamentam filhotes da floresta.

Globo Natureza estreava, no Fantástico, uma série especial sobre as índias do Brasil.

Enquanto eu falo esse argumento, foto acima da índia awa-guajá que vai para além da divisão cultura/natureza, revelando tudo que encobria a divisão fixada e tida como definitiva Natureza e Cultura. Como a reportagem foi dada ao público no programa Fantástico do dia 9 de janeiro de 2011, a reportagem diz revelar que “as índias mostram por que já foram chamadas de mães da floresta. O carinho delas com as crias, com todas as crias é grande.” Fontes possíveis para se tirar tal conclusão - Natureza da mulher, maternidade.

Me chamam erva daninha!



Figura N.2

Quem encontro no avesso da psicologia social...
como não procuro ninguém, em especial, encontro
uma porção de gente...

O paradigma é Bartleby, personagem retratado por
HERMAN Melville. *As noções vínculo, laço social
impediam que eu lesse corretamente e travasse
conhecimento dessa figura e seu “eu preferiria
não!”*

47

Foi preciso que eu percorresse o avesso da Psicologia...

Laço social: eu preferiria não!

Ao elaborar mais uma vez a questão do laço social fomos levados a *Bartleby, o escrivão* de Herman Melville (1819-1891) ¹Trata-se de um livro editado em 1853 em Londres, recentemente publicado mais uma vez no Brasil, desta vez em tradução revista, pela editora Cosac Naify, com o título *Bartleby, o escrivão*. Uma história de Wall Street. Tradução de Irene Hirsch, prefácio de Modesto Carone com sua frase “preferiria não”, resposta por ele dada às demandas do chefe do escritório onde ele trabalhava.

A princípio entendida como marca de abandono, de desistência, ela logo passou a intrigar os que se sentiam por ela concernidos, já que *Bartleby* mantinha a posição.

¹.

48

Não se tratava de mero enfrentamento, nem conhecida demonstração de revolta.

Uma leitura atual nos levou a descobrir que ela apontava para uma invenção a ser explorada. Nosso interesse seria sair do campo relacional do *laço social*, *relacionamento social*, noções comprometidas com a ideologia da tolerância, O homem cordial e outros mais...

Vamos ouvir o que diz Celso Athayde em entrevistas à TV (programa no canal Brasil, entrevista com Tony Ramos), ou ler seus escritos, onde ele agradece o interesse pela favela (a favela está na moda, diz ele) e dispensa qualquer menção de tolerância para com os coletivos na periferia da grande cidade.

Vamos manter em suspensão, a certa distância, a terminologia do *laço social*, vamos escutar Bartleby.

.....

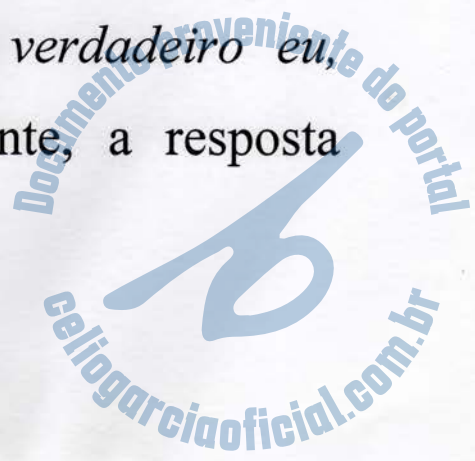
O seu “preferiria não” deve ser entendido de modo literal: ele diz “preferiria não” e não “prefiro não” (ou não me importo)”.

Ao recusar a ordem do chefe, Bartleby não nega o predicado; antes, afirma um não-predicado: ele não diz que *não querer fazer*, diz que *prefere não fazer* tal coisa, reservando-se possibilidade futura, mantida em suspenso.

É assim que passamos de uma posição de *resistência* ou *protesto* que parasita o que é negado, a uma posição que cria um novo espaço fora da posição hegemônica e de sua negação.

Podemos imaginar, e nós o faremos, variedades desse gesto no espaço público atual.

Não só o óbvio: *Há grandes oportunidades de uma nova carreira aqui! Junte-se a nós.* (a que Bartleby teria respondido: “Preferia não”), mas também *Descubra as profundezas do seu verdadeiro eu, encontre a paz interior!* (novamente, a resposta “Preferia não”), e assim por diante.



50

De fato, a frase é um gesto de subtração em seu aspecto mais puro, a redução de todas as diferenças qualitativas a uma diferença mínima puramente formal. Mas, vamos explicitar nossa leitura, aqui lembrando apenas outra leitura também ela insatisfatória.

O “preferiria não” de Bartleby não é simplesmente ponto de partida (“negação abstrata”) a ser superado em paciente trabalho positivo de “negação determinada” do universo social existente.

Ele é o princípio subjacente que sustenta todo o movimento que vai assim se desdobrando: longe de haver superação, o trabalho subsequente de construção dá corpo à própria posição assumida. A frase de Bartleby tem a sua violência.

A atitude de Bartleby não é apenas o primeiro estágio preparatório para o segundo trabalho mais construtivo de uma nova ordem alternativa; ela é a

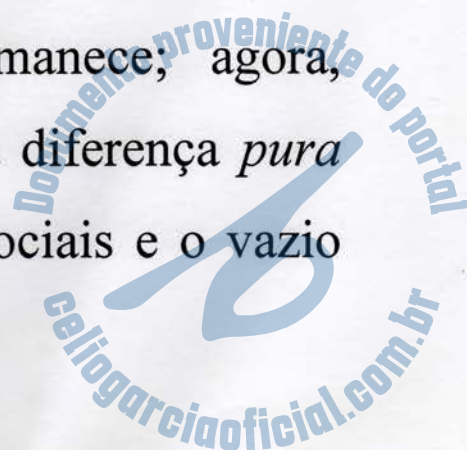
51
própria fonte e o pano de fundo dessa ordem, seu fundamento permanente.

A atividade frenética e engajada de construção de uma nova ordem, precedida por um “preferiria não”, terá de agora em diante, querendo ou não, essa frase subjacente durante todo o percurso, reverberando para sempre.

Aqui cabe a indagação: caso tivesse sucesso a construção de nova ordem, encaminhamento aqui considerado, o que aconteceria com a lacuna entre a Lei pública e seu complemento superegóico obsceno?

Não vale apelar para unidade metafísica, quando a lacuna está simplesmente abolida; é bem verdade que logo se chegaria a uma regulamentação pública da vida social, pelo menos agora isenta de todo e qualquer complemento obsceno oculto.

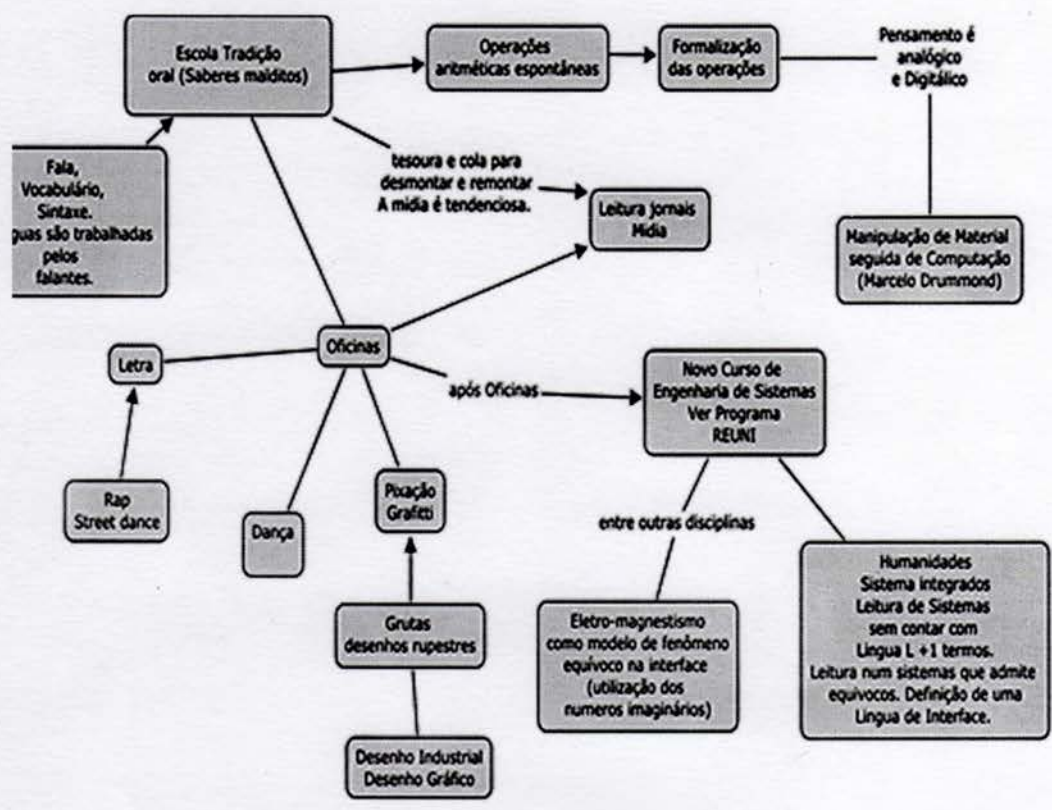
Em nossa leitura, a lacuna permanece; agora, reduzida a um mínimo estrutural, à diferença *pura* entre o conjunto de regulamentos sociais e o vazio



52
de sua ausência. Em outras palavras, o gesto de Bartleby é o que resta do complemento da Lei quando seu lugar é esvaziado de todo conteúdo superegóico obsceno.

PASSAGEM PELA ESCOLA DE ENGENHARIA

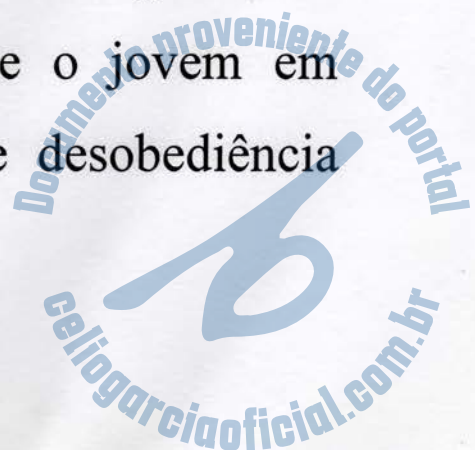
Ver quadro geral que registra o trajeto que vai das “humanas”, das Humanidades, a quem se atribui, generosamente poder de fazer valer uma condição de que elas não gozam [em linguagem formal, caso língua *L* que contasse com **N mais um termos**, sendo capaz de explicar a língua que tivesse **N. termos**].



- Selex. Escola tradição oral (saberes malditos)
- Principais achados –
- termo infração foi trazido pelo E.C.A (Estatuto da Criança e do Adolescente), com o tempo,

após substituir o termo menor infrator em seu aspecto pejorativo, manteve seu aspecto negativo ao agravar-se caráter de denuncia, de correção que a medida podia ter do lado do juiz.

- Procurei um outro termo, não o encontrando, explorei outros aspectos. Por exemplo, contrapondo-o a algoritmo já que me encontrava numa escola de engenharia. O algoritmo diz como o discípulo aprendiz deve proceder. Se o discípulo experimenta outro caminho, o mestre pode dizer – volte, pode voltar.
- O jovem infrator faz desobediência civil. Ele vai por outros caminhos. Ele inventa e cria novos usos. Minha proposta – em vez de infração, prefiro desobediência civil.
- Sempre que possível, não dar tanta importância ao termo infração; admitir que o jovem em conflito com a lei, é autor de desobediência



55
civil, não necessariamente um ato infracional;
ele faz novos usos de objetos culturais, morais.

Valor epistemológico da infração

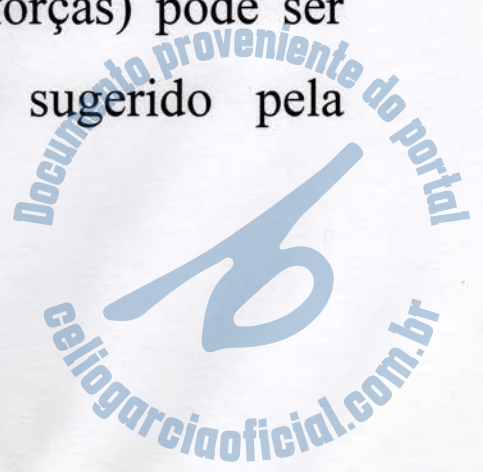
- - Mas, de que dispomos para justificar a matéria oferecida aos alunos do selex?
- Da argumentação, diríamos nós afeitos á formação universitária. Acontece que a argumentação é recurso bem conhecido de que lança mão o senhor, o mestre, na defesa de seus bens e status. Eles argumentam em seu próprio interesse.
- O método científico teria sido criado para assegurar um modelo, um modelo de pensar, um tipo de dominação, um estilo de vida (Lakatos, o epistemólogo austríaco deixou bem estabelecida tal proposta, e até hoje ela é bem lembrada) por isso mesmo, a exposição de uma técnica, a prática de uma técnica em posição dominante, tem por objetivo ou função os

interesses de quem a expõe. Basta lembrar a distribuição de renda, conseqüentemente o salário dos que expõem e defendem o método científico frente ao salário dos que não conhecem este método.

- Por conseguinte, não será a argumentação recurso para nosso método pedagógico. Nem a analogia abordagem suficiente para fazer ter acesso ao mundo da tecnologia tal como ele se apresenta aos jovens alunos do selex.

Formulações intermediárias, híbridas são etapas que podem nos surpreender.

Na construção civil na montagem de uma coluna, uso de material precário ou de circunstancia (uma pedra escolhida pelo peão experimentado faz as vezes de um calço que isola uma área ou camada impedido tensões e redistribuindo forças) pode ser encontrado misturado ao que é sugerido pela engenharia de última geração.



- Em seguida chegamos a pensar que as sucessivas propostas antes que se estabilize um determinado formalismo matemático contem soluções híbridas encontradas no material coletado pelo selex estas mesmas que serão dispensadas pelo formalismo dito elegante [Michel Serres]
-
-

